

# 5 histórias do desconhecido prof. Zeca Afonso

Quando passam 28 anos sobre a sua morte (no próximo dia 23), aqui se conta que José Afonso, antes da música, quis ser professor. Recusava-se a dar «o Evangelho Segundo São Mattoso» ou discutia com os alunos as notas à mesa de um café. Intolerável para a ditadura, que o expulsou do ensino. Retratos de um prof «fora da caixa»

POR J. PLÁCIDO JÚNIOR

1961

## O bancário que 'atacou' Sartre...

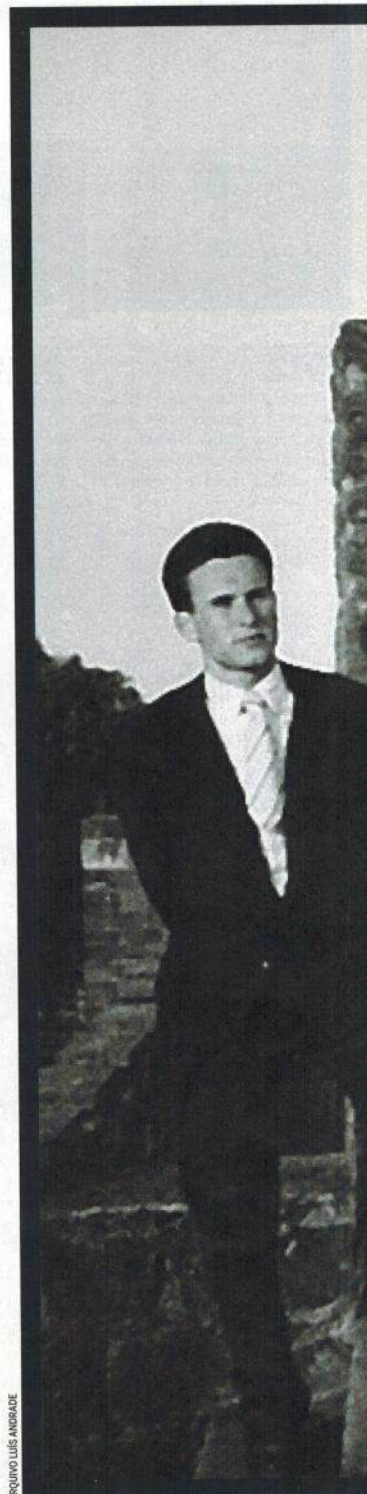
... involuntariamente. Só bateu à máquina, na dependência em que trabalhava, arriscando o emprego, a tese de licenciatura do seu professor preferido, que contrariava o autor de *O Ser e o Nada*

HAVIA SEMPRE AQUELES 15 a 20 minutos de espera, em que o «senhor doutor» José Afonso, muito ao contrário dos outros professores do curso noturno, para estudantes-trabalhadores, da Escola Comercial e Industrial de Faro (equivalente ao então 5.º ano dos liceus), conversava animadamente com os alunos presentes, que podiam chegar às sete da tarde, hora de início das aulas. José Pontes, à época jovem bancário na Caixa de Crédito Agrícola de Faro, era um desses (vénia a Luís Andrade, da Associação José Afonso de Coimbra, que o descobriu). «Uma vez disse que nas ruas de Paris até a Tia Anica de Loulé cantou para ganhar uns trocos», recorda José Pontes, divertido. Noutra ocasião, Zeca, que tinha visto editado, em 1956, o seu primeiro EP, *Fados de Coimbra*, atirou para aquela plateia que cantar não custava nada: «Nos graves, baixa-se a cabeça; nos agudos, levanta-se.» Foi uma dica preciosa para José Pontes, que na altura já se dedicava ao teatro amador.

Até que um dia, o professor de Francês e Português perguntou se alguém tinha o

curso de datilografia. «'O Zé Pontes!», disse a malta toda», lembra o bancário hoje reformado. Zeca, com 32 anos, precisava de passar à máquina a primeira versão da sua tese de licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas, a apresentar na Universidade de Coimbra. «O meu gerente sai às cinco da tarde e, até às seis, podemos fazer esse trabalho», propôs o aluno a Zeca. Não foi um trabalho. Foi uma trabalhadeira que durou 15 dias. A tese intitulava-se *Implicações Substancialistas na Filosofia Sartriana* e, como se calcula, estava pejada de expressões em francês. A máquina era boa, uma Underwood, mas a tarefa do datilógrafo, com o autor ao lado, revelou-se ciclópica. «Era logo uma chatice acertar as folhas – um quintuplicado, com quatro papéis químicos», conta José Pontes. «E aconteceu, muitas vezes, enganar-me nas palavras em francês. Ou conseguia apagar o erro com uma borracha, em todos os papéis químicos e no original, ou era preciso repetir tudo outra vez.»

Zeca julgava ter dissertado sobre uma verdadeira bomba: defendia na tese que o marxista Sartre, ao contrário do que se palava, não rompia com uma certa tradição clássica, de Aristóteles a Descartes, antes a continuava. A bomba, porém, teve pavio curto – tanto trabalho resultou numa classificação de 11 valores. Anos depois, Zeca divertia-se, com o seu humor muito próprio, a contar esta história. E José Pontes percebeu alguma coisa da tese? «Não conseguia apagar nada. Como diz o outro: não é fadista quem quer, mas sim quem nasce fadista.»



ARQUIVO LUIS ANDRADE

José Pontes datilografou a primeira versão da tese de licenciatura, em Ciências Histórico-Filosóficas, do seu professor José Afonso. Foram 15 dias de trabalho ciclópico.

Zulinda, filha do poeta popular António Aleixo, era uma das alunas de Zeca no curso noturno da Escola Comercial e Industrial de Faro



Zeca, 32 anos, lecionava Português e Francês a estes trabalhadores-estudantes, em aulas com «muita interação». E acompanhava-os sempre em passeios e excursões

► Regressemos aos 15/20 minutos de espera, descrita no início deste texto, para aludirmos à chegada dos alunos afogeados (entre os quais Zulinda, filha do poeta popular António Aleixo), que saíram dos seus empregos e correram para a primeira aula. E como eram as aulas de Zeca? «Havia muita interação, tínhamos com ele à-vontade para pôr todas as questões», conta José Pontes. Tão diferente, por exemplo, do prof. Palaré, de Geografia, que entrava na sala emproado, sisudo e engravatado. «Esse só dizia: 'Uma folhinha à parte, por favor.' E debitava a matéria a correr, que nós tínhamos de apontar.» Ainda hoje, aos 75 anos, o bancário amargura-se: «Foi nessa disciplina que estraguei a minha letra.»

José Pontes sabia que, a seguir às aulas, colegas juntavam-se ao prof. Zeca no Café Atlântico para discutir política em surdina. Por opção, nunca participou nesses debates. Mas diverte-se a relatar a ocasião em que alunos e professores foram reunidos para ouvir e aplaudir um figurão do regime (não se lembra quem...), que discursaria da varanda do Governo Civil de Faro. Às tantas, «como se nada fosse», Zeca, vindo do cais, passa silencioso entre a multidão, de T-shirt, calções, chinelo de enfiar no dedo, duas canas de pesca e um balde preto. «Uns riam-se, outros aplaudiam-no», diz a testemunha. «Para ir por ali, fez o caminho mais longo para casa.»

Instalou-se a ideia de que, em Faro, Zeca foi recuperado para o ensino, após um início desastroso, em 1957, num colégio particular em Mangualde, onde os próprios pais exigiam aos professores que aplicassem uma disciplina sem contemplações aos alunos. Mas até nessas circunstâncias ele remou contra a maré, conta agora Helena Afonso, 60 anos, filha de Zeca (do seu primeiro casamento). «Em Mangualde, encontrei antigos alunos que se referiam ao meu pai como um acontecimento inaudito naquela terra ultramontana», diz. «Jogava futebol com eles e corrigia os pontos no café, acompanhado dos alunos, ali em direto.»

Inimigo jurado dos TPC, Zeca fugia do «ensino livresco» e procurava uma «pedagogia no sentido grego do termo, de formar as pessoas», interpreta João Afonso dos Santos, irmão mais velho, hoje com 87 anos. Ao caçula, ouviu-o «muitas vezes» dizer: «O que gosto de fazer é ser professor.» Zeca estava convicto de que seria no «professorado», como lhe chamava, que colheria as melhores experiências de vida. A ditadura não deixou (veremos como), mas ele tentou até aos limites.

Aos 75 anos, José Pontes relê a tese de licenciatura do prof Zeca, que, com 22 anos, bateu à máquina



ARQUIVO LUIS LANDRADE

1964

## Os dias felizes de Lourenço Marques

Colocado num liceu ao pé de um bairro proletário, Zeca enfrenta a opressão colonial, dedica-se aos alunos negros e a família de um deles, agradecida, até lhe oferece uma galinha

**QUANDO CHEGOU A LOURENÇO MARQUES** (hoje Maputo), aproveitando uma contratação de que precisava, dadas as dificuldades financeiras por que passava, Zeca não imaginava que podia ser feliz ali. Mas foi. Por distração do regime e da sua polícia política, a PIDE, seria colocado no liceu menos elitista da cidade, o António Enes, situado perto de um bairro maioritariamente habitado por negros, o Alto Maé. A sua casa também não ficava longe. Zeca podia dar sequência prática ao seu tema *Menino do Bairro Negro*, do disco *Baladas de Coimbra*, de 1963 (que incluía, igualmente, *Os Vampiros*), em que cantava «Menino sem condição/ Irmão de todos os nus/ Tira os olhos do chão/ Vem ver a luz.»

Professor de História e Geografia, Zeca foi muito além da docência. Alunos negros começaram a frequentar a sua casa, para irem ler e buscar livros. «Via-o com uma enorme energia», testemunha a filha Helena Afonso. Desdobrava-se em explicações para aqueles estudantes e, à noite, dava aulas de alfabetização na Associação dos Negros de Moçambique. «Lembro-me de uma família africana aparecer lá em casa com uma galinha viva, para oferecer como agradecimento ao meu pai», recorda Helena Afonso.

Zeca era, pois, um perigo à solta numa das capitais do Império. No fim do ano letivo, foi transferido para outra cidade moçambicana, a bem mais pequena Beira, por um «despacho atrabiliário e despótico da administração», como o define o irmão João Afonso dos Santos. A PIDE achava que assim o controlaria com rédea curta.



1966

## O censor que quis ser Brecht

Na Beira, o fado de Coimbra cantado por Zeca serviu de moeda de troca para a representação de *A Exceção e a Regra*, do dramaturgo marxista

**SEGUNDA CIDADE MOÇAMBICANA**, a Beira «respirava provincianismo, era um meio tacanho e racista», resume Helena Afonso. Zeca foi colocado no Liceu Pêro de Anáia como docente de Geografia, disciplina que não apreciava particularmente. Em duas semanas, deu aulas à turma do então adolescente Mia Couto, em substituição da professora que estava doente, e esses momentos bastaram para impressionar o hoje





José Afonso com meninos do Xipangara, o bairro de caniço que envolve a cidade moçambicana da Beira. Esse gueto inspirou-lhe a canção *Lá no Xipangara*

ferrenho, estava empenhado em recriar na cidade uma tradição académica de Coimbra, a Tomada da Bastilha, obrigatoriamente seguida de uma serenata, para a qual só existia um cantor: Zeca. Por isso, o censor tinha de decidir – sem Brecht integral não haveria fados... E o negócio fez-se. Pela primeira vez no Império, *A Exceção e a Regra* foi integralmente representada.

Zeca, porém, não aguentava mais a Beira. «O meu pai criou um conflito terrível com aquela sociedade», recorda Helena Afonso. «Foi bastante violento para ele.» Ainda assim, Zeca pôs na bagagem *Eu Vou Ser Como a Toupeira* e o *Coro dos Tribunais*, canções que fez para aquela peça e mais tarde incluídas em discos, o mesmo acontecendo com *Lá no Xipangara*, a cidade de caniço que envolvia a Beira, e *Traz Outro Amigo Também*. E, claro, a sonoridade africana que o apanhou por completo.

consagrado escritor. Espantou-o aquele professor «muito fora do contexto», que ia para o liceu de calções de caqui. E foi a Zeca, numa discussão, que Mia Couto ouviu pela primeira vez a palavra «colonialista».

Um dia, um vizinho branco agrediu o empregado de Zeca, Djéjé. «Quando o meu pai foi apresentar queixa, o polícia riu-se-lhe na cara», conta Helena Afonso. Zeca responderia com uma canção, *Carta a Miguel Djéjé*, em que coloca o negro como fascinante tocador de viola, com marimba em fundo, instrumento africano cujo som o encantava. No liceu, Zeca tentava dar a volta aos seus alunos brancos, desafiando-os, por exemplo, para explicações aos sábados, na praia. Já nas fastidiosas reuniões de professores, abrihantava-as a fazer caretas, muito típicas nele. «Quem mais se ria era a D. Jovita, a professora de Lavoros», lembra-se Helena Afonso de ouvir ao pai.

Mas a grande aventura, na Beira, foi o envolvimento de Zeca e do irmão João Afonso dos Santos, advogado oposicionista que vivia na cidade, num grupo de teatro amador que pretendia levar à cena *A Exceção e a Regra*, de Bertolt Brecht. O censor ali de serviço, um tal Dr. Carvalheira, confrontado com o texto, «deu-se ao incómodo de recriar, à margem, algumas falas integrais e outras parciais das personagens, depuradas dos aspetos que mais o beliscavam», conta João Afonso dos Santos. Sucedia, no entanto, que o mesmo Dr. Carvalheira, coimbrão

Zeca na representação, na Beira, de *A Exceção e a Regra*, de Brecht, levada pela primeira vez à cena no Império, após um negócio com o diretor local da Censura



A advogada Alice Brito não esquece o professor que «era carismático pela sua falta de carisma»

1967

## ‘Ó menina, também há quem goste de palha’

Se lhe subia a mostarda ao nariz, era a sério: o que acima se lê foi a resposta de Zeca a uma aluna que disse apreciar o manual de António Gonçalves Mattoso

**EM VÉSPERAS DE INICIAR O 4.º ANO** (atual 8.º), aos 13 anos, no Liceu de Setúbal, Alice Brito soube por uma colega que iam ter um professor «que já gravou discos». Um acontecimento. José Afonso era o seu professor de História, com aulas de manhã. Mas havia

um problema que Zeca nunca conseguiu resolver – aceitar o Evangelho Segundo São Mattoso, como chamava ao manual escrito pelo pai do historiador José Mattoso.

Alice Brito e as colegas confrontaram-se primeiro com um professor que, em vez de fato e gravata, como era da praxe, se apresentava de camisas aos quadrados. Depois, só recorria ao manual de Mattoso para sarcasmos. Exemplo: lia-se no compêndio que Afonso II «tinha como cognome O Gordo, por ser muito nutrido». E Zeca repetia, irónico: «Muito nutrido...» Seria interpellado por uma aluna: «Não gosta do livro, professor? Eu gosto.» Resposta: «Ó menina, também há quem goste de palha.»

Hoje, aos 60 anos, a advogada Alice Brito ainda se ri quando recorda essa tirada de Zeca. Mas também se lembra de como o professor explicou «muito bem» o Feudalismo. A aula, diz, era «de histórias», não

de História. Como aquela, que Alice Brito jamais esqueceu, de um distraído Zeca a embater num pescador que estava no areal a remendar redes. Comentário do pescador: «E o mar é tão grande...»

Às tantas, Alice Brito viu-se a comprar a um colega um livro proibido de Zeca, *Cantares*, e a escondê-lo debaixo da bata. «Que gozo, estar a fazer uma coisa anti-regime», lembra. «Ele era carismático pela sua falta de carisma», define. No 5.º ano, já sem Zeca, mas por causa de Zeca, a sua turma ousou fazer um jornal de parede, imediatamente retirado pela direção do liceu. O professor «sem sedução programada», esse, ficou para sempre.

1968

## As páginas dolorosas de Héliida

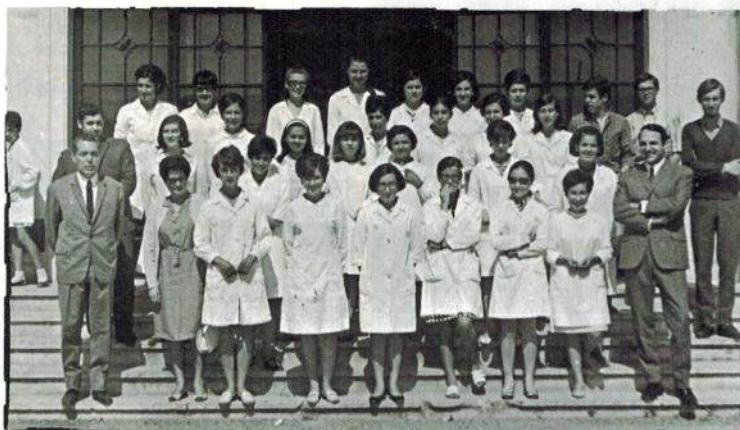
O diário de uma aluna antecipa a rasteira que a ditadura pregou a Zeca para o expulsar do ensino

**QUE MELHOR MANEIRA DE CASTIGAR ZECA** e levá-lo à exaustão do que colocá-lo a dar Organização Política e Administrativa da Nação (OPAN), disciplina que ensinava os alicerces da ditadura? Em alguns dos diários que Héliida Carvalho Santos furiosamente escreveu dos 16 aos 22 anos vê-se que o professor perseguido ainda tentou resistir.

Héliida, então com 19 anos, era aluna do 7.º A do Liceu de Setúbal, e tinha OPAN à tarde, com José Afonso. No seu escrito de 4 de outubro de 1967, em que relata a primeira aula da disciplina, mostra um Zeca bem-disposto: «Vocês são o 7.º A, não são?», lê-se no diário. «Desculpem o atraso mas enganei-me e fui parar a outra sala. Não faz mal. Se vocês chegarem atrasados também não vos vou chatear.» Tinha entrado «todo despenteado», atirando para cima da secretária a gabardina que trazia na mão. Depois, desconcertou os alunos com um discurso que os levou à gargalhada. «Bem, eu sou o vosso novo professor de Organização Política, mas devo dizer-vos que não percebo nada disto. Vocês já deram isto o ano passado, não foi? Então sabem, de certeza, mais que eu.» Dirá ainda que «não entrava em palhaçadas», que não iria «perder um minuto com esta porcaria», que aquela era uma «materiazinha de chacha» e que os alunos a empinariam num instante. «Preciso de ganhar a vida», explicou, «mas as minhas aulas vão ser de cultura e política geral.»

Do baú dos diários de Héliida Santos, hoje com 66 anos e que fez carreira como secretária de administração, sai, com data de 15 de novembro de 1967, este trecho: «Praticamente não abrimos o livro.» Mas, quando isso acontecia, Zeca pedia a alguém que lesse umas páginas do manual, «poucas». Não dizia nada, apenas sorria, «com visível escárnio», e no fim comentava: «Estão a ver? Só mentiras, só imposturas.»

Nesse mesmo dia, Héliida anotou que Zeca entrava na sala, sentava-se à secretária, ditava o sumário, assinava o livro de ponto, fechava-o, empurrava-o para um canto e ficava a olhar, em silêncio, para o pátio. Só quando o «bichanar» dos alunos ganhava volume, o professor «acordava» para a



MARCOS BORGIA

plateia. A 6 de dezembro, o diário da aluna já começa com a frase «continuamos sem aulas de Organização Política». No dia 13 seguinte, a mesma coisa. Os rumores crescem: o professor José Afonso está muito doente. Ou foi preso pela PIDE. «Grandes filhos da p\*\*\*!», disparou Héliida no seu diário.

Na verdade, Zeca sofreu um grave esgotamento nervoso e esteve 20 dias internado numa casa de saúde. Quando regressou ao Liceu de Setúbal, em 1968, confrontou-se com um novo «despacho atrabiliário e despótico» que, desta vez, o expulsava do ensino - sem mais. Passou mal, com a polícia política sempre na sua sombra («Quando se encontra em Setúbal, sai de casa (...) depois do almoço, instala-se na esplanada do Café Central (...)», lê-se num relatório de um agente), e deu explicações para sobreviver. Um dos seus alunos era filho de um PIDE, mas Zeca emitiu uma ordem doméstica para

Nos seus diários como aluna do 7.º A do Liceu de Setúbal, Héliida Santos descreve a revolta de Zeca por ter sido colocado a dar Organização Política e Administrativa da Nação, a disciplina que ensinava os alicerces da ditadura



ninguém incomodar o rapaz, espião involuntário.

Através da editora Orfeu, relançaria depois a sua carreira musical. Já a reintegração no ensino oficial só aconteceria em 1983, nove anos após a sua *Grândola, Vila Morena* ter servido de senha para o Movimento dos Capitães desencadear o golpe de 25 de Abril de 1974, que derrubou a ditadura e instaurou a democracia. Em 1982, Zeca sentiu os primeiros sintomas da esclerose lateral amiotrófica, que o vitimaria a 23 de fevereiro de 1987, aos 57 anos. A reparação tardia de uma injustiça e a doença não o deixaram regressar à paixão do ensino. ▣